

Quando Irene descia as escadas do apartamento do amante, aquele medo súbito e irracional voltou a tomar conta dela. Um pião negro pôs-se a zunir de repente diante dos seus olhos, os joelhos imobilizaram-se numa terrível rigidez e foi obrigada a agarrar-se ao corrimão para não cair bruscamente para a frente. Não era a primeira vez que se arriscava a fazer aquela visita perigosa, aquele tremor repentino não lhe era desconhecido; a cada regresso a casa estava sempre sujeita, apesar da resistência interior, àqueles infundados acessos de um medo absurdo e ridículo. O caminho para o *rendez-vous* era infinitamente mais fácil. Mandava parar o carro na esquina, vencia, apressada, os poucos degraus, pois sabia que ele estava à espera lá dentro, atrás da porta que se abria rapidamente, e aquele primeiro medo, em que ardia também a impaciência, diluía-se no abraço quente do encontro. Mas depois, quando regressava a casa, voltava a apoderar-se dela, gelado, aquele pavor misterioso, numa mistura confusa com o estremeção da culpa e aquela sensação alucinada de que todos os olhares na rua lhe liam no rosto de onde vinha e respondiam à sua desorientação com um sorriso insolente. Os últimos minutos perto do amante estavam já envenenados pela inquietude daquela apreensão; quando se preparava para sair, as mãos tremiam-lhe numa pressa nervosa, ouvia, distraída, as palavras dele e recusava apressadamente as suas efusões. Sair dali, tudo nela queria sair dali, daquele apartamento, daquela casa, da aventura, e regressar

ao seu pacato mundo burguês. Mal ousava olhar-se ao espelho, desconfiava do próprio olhar; porém era necessário verificar se alguma coisa na sua roupa trairia, por descuido, a paixão daqueles momentos. Depois vinham aquelas últimas palavras, que procuravam em vão tranquilizá-la, mal as ouvia de tanta agitação, e aqueles instantes à escuta por detrás da porta protetora, a ver se haveria alguém a subir ou a descer as escadas. Mas lá fora estava o medo à espera, impaciente por agarrá-la, apertando-lhe o coração tão poderosamente que ela descia os poucos degraus já sem fôlego, até sentir as suas forças, a custo contidas, ceder.

Ficou assim, de olhos fechados, a inspirar avidamente a frescura crepuscular da escadaria. De repente, num andar superior, uma porta bateu; assustada, recompôs-se e desceu apressadamente os degraus, enquanto as mãos sem querer fechavam ainda mais o véu espesso que lhe cobria o rosto. Ainda a esperava um momento terrível: o medo de sair de uma casa estranha para a rua e correr o risco de enfrentar a pergunta indiscreta de uma pessoa conhecida que passasse por ali, querendo saber de onde vinha e levando-a a dizer uma mentira perigosa. Baixou a cabeça como um saltador ao tomar balanço e, numa decisão súbita, apressou-se a sair pelo portão entreaberto.

Foi de encontro a uma mulher, que queria precisamente entrar. «Perdão», disse ela, com embaraço, ao mesmo tempo que tentava passar por ela rapidamente. Mas a pessoa barrou-lhe a passagem a toda a largura e fitou-a encolerizada, ao mesmo tempo com uma voz de indisfarçada troça:

— Finalmente apanhei-a! — exclamou com uma voz dura e sem qualquer contemplação. — Pois claro, uma mulher decente, decente que é como quem diz! Não lhe basta o marido, o dinheiro dele e tudo mais, ainda tem de roubar o namorado a uma pobre rapariga...

— Por amor de Deus... o que se passa?... Está enganada!... — balbuciou Irene, fazendo uma tentativa desajeitada de escapar, mas a rapariga obstruiu a entrada com o corpo maciço e berrou com uma voz estridente:

— Não, não estou enganada... eu conheço-a... a senhora vem de casa do Eduard, o meu namorado... agora apanhei-a finalmen-

te, agora sei porque é que ele tem tido tão pouco tempo para mim nos últimos tempos... então é por sua causa... sua...sua...!

— Por amor de Deus, não grite assim — interrompeu-a Irene com uma voz sumida e recuou involuntariamente para o corredor. A rapariga olhou-a com ar trocista. Aquele medo que a fazia tremer, aquela sensação de impotência parecia diverti-la de alguma forma, porque se pôs a examinar a sua vítima com um sorriso de convencimento e satisfação trocista. A sua voz expandiu-se com um desembaraço maldoso, tornou-se quase descontraída:

— Então são assim as senhoras casadas, as senhoras elegantes, distintas, quando vão à caça de outros homens. De véu, é claro, cobertas por um véu para depois poderem fazer de conta que são mulheres honestas...

— Mas... mas o que quer de mim?... Nem sequer a conheço... tenho de ir embora...

— Pois... tem de ir embora... ter com o senhor marido... para um apartamento bem quentinho, fazer de senhora distinta e deixar que os criados lhe retirem as peças de roupa... mas o que a gente faz, se morremos de fome ou não, uma senhora assim está-se marimbando... estas senhoras honestas levam-nos tudo o que a gente tem...

Irene fez um esforço para se recompor e, obedecendo a uma vaga inspiração, agarrou no porta-moedas e tirou as notas que lhe vieram à mão.

— Tome lá... é para si... mas agora deixe-me... não volto mais aqui... juro-lhe.

Com um olhar maldoso, a mulher pegou no dinheiro. «Vadia», murmurou. Irene estremeceu ao ouvir aquele insulto, mas, vendo que a outra lhe dava passagem, saiu precipitadamente, grave e ofegante, como um suicida que se atira do alto de uma torre. Avançando em passo rápido, sentiu os rostos a passar por ela como máscaras distorcidas; de olhar carregado, chegou a custo a um carro que estava parado na esquina. Atirou o corpo com todo o peso para o assento almofadado, depois tudo nela se tornou imóvel e rígido, e quando o motorista lhe perguntou por fim, espantado, àquela cliente singular para onde queria ir, olhou-o por um

momento fixamente, como que absorta, até o seu cérebro entorpecido chegar de novo às palavras. «Para a Gare do Sul», disparou à pressa, e de repente, vindo-lhe à ideia que a rapariga podia tê-la seguido: «depressa, depressa, vamos, despache-se!»

Só durante a viagem percebeu o quanto aquele encontro a tinha afetado. Juntou as mãos que lhe pendiam ao longo do corpo, hirtas e frias como coisas mortas, e começou a tremer de tal forma que todo o corpo se sacudia. Um sabor amargo subiu-lhe à garganta, sentiu uma náusea e ao mesmo tempo uma raiva surda, insensata, que parecia querer revolver-lhe o peito por dentro. Gostaria de ter podido gritar ou bater com os punhos para se libertar do pavor daquela lembrança, que se fixava no seu cérebro como um anzol, aquela cara maldosa com o riso trocista, aquele bafo de perversidade que saía da boca malcheirosa da proletária, aquela boca maldosa, cheia de ódio, que lhe tinha cuspidido na cara as palavras mais vis, e o punho vermelho com que a tinha ameaçado. A vontade de vomitar tornava-se cada vez mais forte, subia-lhe cada vez mais à garganta à medida que o carro, que seguia rapidamente, balançava de um lado para o outro; queria dizer ao motorista para andar mais devagar, quando se lembrou a tempo de que talvez não tivesse dinheiro suficiente para lhe pagar, pois tinha dado as notas todas àquela chantagista. Precipitadamente, deu sinal para parar e saiu, para novo espanto do motorista. Por sorte, o resto do dinheiro chegava. Mas depois viu-se perdida numa zona estranha, no meio de um vaivém de pessoas atarefadas; cada olhar e cada palavra provocavam-lhe dor física. Os joelhos estavam como que amolecidos pelo medo e adiantavam os passos mecanicamente, mas ela tinha de regressar a casa e, concentrando toda a sua energia, obrigou-se a avançar com determinação de rua em rua; fez um esforço sobre-humano, como se estivesse a patinhar num lodaçal ou a atravessar neve à altura dos joelhos. Finalmente chegou a casa e lançou-se pelas escadas fora com uma pressa nervosa, que procurou dominar de imediato para não chamar a atenção.

Só quando a criada lhe tirou o casaco e ela ouviu no quarto ao lado o filho pequeno a brincar com a irmã mais nova, e o seu olhar se apercebeu dos objetos familiares em volta, das suas coi-

sas e do aconchego, é que Irene recobrou a aparência exterior de contenção, enquanto as ondas subterrâneas da agitação ainda lhe revolviam dolorosamente o peito ansioso. Tirou o véu, passou a mão pelo rosto com um desejo intenso de parecer inocente e entrou na sala de jantar, onde o marido lia o jornal diante da mesa posta.

— Já é um pouco tarde, querida Irene — cumprimentou, em tom de leve acusação. Levantou-se e beijou-a na face, despertando-lhe uma penosa sensação de vergonha. Sentaram-se à mesa e ele perguntou com indiferença, mal tirando os olhos do jornal:

— Onde estiveste tanto tempo?

— Estive... estive... em casa da Amélie... ela teve de ir fazer umas compras... e eu fui com ela — acrescentou, já furiosa consigo mesma por ter mentido tão mal. Normalmente armava-se de uma mentira bem pensada, à prova de todas as possibilidades de verificação, mas hoje o medo tinha-a feito esquecer esse cuidado e obrigado àquele improvisado desajeitado. E — passou-lhe pela cabeça — e se o marido telefonasse à amiga para perguntar, como recentemente, quando tinham ido ver a peça de teatro?

— O que tens tu?... Pareces tão nervosa... porque é que não tiras o chapéu? — perguntou o marido. Estremeceu ao ser novamente surpreendida no seu embaraço, levantou-se e precipitou-se para o quarto para tirar o chapéu; ficou a ver o seu reflexo no espelho até que o olhar lhe parecesse de novo calmo e seguro. Depois voltou à sala de jantar.

A criada serviu o jantar e foi um serão como todos os outros, talvez um pouco mais parco em palavras e menos caloroso do que era hábito, um serão com uma conversa pobre, cansada, muitas vezes hesitante. Os pensamentos regressavam incessantemente ao que tinha sucedido e estremeciam de pavor sempre que chegavam ao momento temido em que deparara de frente com a chantagista: nesse instante, levantava sempre o olhar para se sentir protegida, pegava carinhosamente, um a um, nos objetos que a envolviam, cada um deles colocado para evocar uma memória e com um significado particular, e sentiu-se um pouco mais pacificada. E o relógio de parede, com o movimento lento do pêndulo de aço